

Reflexões acerca das práticas de leitura¹

Ana Julia Rodrigues²

Sandra Depexe³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O trabalho em questão é parte da reflexão teórica de uma dissertação em desenvolvimento, que tem como objetivo principal entender as práticas de leitura de livros infantis a partir de crianças em ambiente escolar. A reflexão parte dos conceitos de “prática de leitura” e “comunidade de leitores” de Roger Chartier, e busca inspirar as atividades metodológicas a serem desenvolvidas posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Leitura; Comunidade de Leitores; Leitura.

A seguinte proposta se integra ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e busca refletir acerca de práticas de leitura, conceito fundamental para que, posteriormente, em pesquisa de campo se consiga entender as práticas de leitura de livros infantis, a partir de crianças em escolas públicas de Santa Maria/RS.

Em sua obra “A ordem dos livros” Chartier (1998a) observa que o leitor se assemelha a um caçador que desbrava terras alheias e desconhecidas. Partindo da premissa que “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1998, p.77), observa-se que a metáfora criada por Chartier evoca esse papel do leitor enquanto alguém que se apropria e se relaciona com diferentes histórias e narrativas.

Fazendo jus ao capítulo em que o autor proporciona essa discussão “Leitor entre limitações e liberdade”, (Chartier, 1998b, p.77) defende que “essa liberdade leitora não é jamais absoluta”, visto que é cercada por limitações derivadas de “capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as ‘práticas de leitura’ ” (Chartier, 1998b, p.77). Limitações estas que podem se relacionar com a forma de materialização de determinado tipo de leitura, dependendo de suas escolhas textuais como gênero e até mesmo da forma que o autor seleciona as palavras para sua narrativa.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFSM. E-mail: ana.julia@acad.ufsm.br

³ Doutora em Comunicação, docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: sandra.depexe@ufsm.br

Mas também escolhas que se relacionam com o próprio leitor, com sua bagagem cultural, com suas formas de observar o mundo e com fatores que implicitamente agem sobre ele, fazendo com que tenha determinadas escolhas e não outras, por exemplo.

A respeito das práticas de leitura, Chartier (1998a, p.13) nos provoca a pensar que “aqueles que são capazes de ler textos não o fazem da mesma maneira”, portanto vê-se aí a necessidade de explorar as formas de uso, gestos, posturas, interpretações e hábitos, envolvidos nesse ato de apropriação da leitura.

O autor ainda aponta que essas práticas mudam segundo os tempos e os lugares, assim como, os objetos lidos e as razões de ler. E a partir de exemplos, reforça essa afirmação: até o século XVIII, a representação do leitor e das práticas de leitura, por meio de pinturas principalmente, refletia o que se considerava na época uma leitura “legítima”, que se dava a partir uma figura masculina, no interior de seu gabinete, em silêncio, fitando um livro volumoso, de forma privada. Foi a partir do século XVIII que a história das práticas de leitura passou a ser uma história de liberdade na leitura. Visto que

É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores ao século XVIII liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis. O leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais variados e mais livres - ao menos quando são colocados em cena no quadro ou na gravura. (Chartier, 1998b, p.78-79)

Mesmo existindo outras práticas de leituras, não se acreditava que fossem dignas de representação em uma obra. Portanto, este é considerado um marco, dado que foi a partir do século XVIII que se lançou olhar para as demais formas de ler, para as diferentes apropriações e conseqüentemente para as diferentes práticas de leitura. Esse olhar teve maior impulso a partir do cinema e da fotografia, a partir da praticidade e eficiência de seu registro (bem mais que o desenvolvimento de uma pintura), que passou a se observar práticas mais espontâneas e menos posadas.

Além de ser evidência de que os hábitos de leitura mudaram, acredita-se que esse foi o pontapé para observar que não se lia sempre da mesma forma, e de que não eram necessariamente os mesmos hábitos. Presumindo que o leitor também muda ao longo do tempo, existe sempre um mercado que se adapta a esta demanda/mudança.

A partir de então, muitas pesquisas têm como objeto de estudo as formas de leitura, assim refletindo como os novos suportes do texto permitem usos, manuseios e intervenções distintas (Chartier, 1998b):

O mundo da escrita está hoje em plena transformação e os diversos meios de comunicação desenvolvem-se de maneira muito rápida, alterando os comportamentos da atividade de leitura e a relação do leitor com o texto escrito. Nossas representações e nossas práticas de leitura sofreram transformações a cada nova invenção tecnológica (Reis, 2019 *apud* Chartier, 1998)

Reis (2019) transcreve com suas palavras o que Chartier defende: que mudanças nos suportes de leituras, ocasionam mudanças nas práticas de leitura. Visto que são diferentes formas de se relacionar com determinado objeto, e diferentes questões que influenciam nesse contato. Como exemplo, a própria materialidade do texto, que segundo a observação de Ana Elisa Ribeiro (2009, p. 2), a forma do livro pode influenciar às práticas e o processamento de leitura, no mesmo viés a ‘materialidade do texto’ (Chartier, 1998b) traz implicações significativas (senão determinantes) para a construção de sentidos sobre o texto. Assim como, as próprias experiências do leitor, como repertório e conhecimento de mundo. Sendo assim, diferentes comunidades interpretam os textos de formas variadas, dependendo de seus repertórios culturais e experiências (Chartier, 1998a).

Baseado no pensamento de Chartier, Júlio Monteiro complementa:

O que acontece é o surgimento de uma “nova materialidade” para os textos, a textualidade eletrônica, a qual transforma as condições materiais que haviam sido estabelecidas por centenas de anos de práticas de leituras e, portanto, as formas em que a leitura se manifestava ou, poderia se manifestar. Ao leitor é oferecida uma nova condição, tanto no que se refere às formas práticas de interação com o texto (Monteiro, 2014, p. 30)

A partir disso, compreende-se que com a chegada do digital, outras práticas de leitura já estabelecidas anteriormente, podem ter passado por transformações. Aqui vê-se a necessidade de pesquisar as práticas de leitura de livros infantis por crianças, tendo em vista que “Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem.” (Chartier, 1998, p.77).

Eis por que deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade- a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada. (Chartier, 1998, p.16)

A afirmação do autor nos faz refletir acerca da necessidade de lançar olhar para a redução de algumas práticas, visto que esse ato, também é reconhecer essas mudanças ao longo do tempo, além de entender o que está relacionado com tal efeito. Lançar olhar sobre os mais diferentes objetos, segundo Chartier (1998, p.17) “é muito importante, pois revela, além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje”. Nesse viés, é necessário lançar olhar sobre diferentes práticas que até mesmo coexistem.

Importante observar que, embora cada leitor tenha uma certa maneira de ler, e uma certa singularidade, é atravessada por características semelhantes e hábitos que nos fazem pensar no conceito de “**comunidades de leitores**” do mesmo autor, Chartier (1999, p. 216) que as define como “aquelas comunidades interpretativas, cujos membros compartilharam os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”. Nesse sentido, podemos pensar em comunidades de leitores como grupos que compartilham formas de leitura, práticas culturais, suportes materiais e modos de apropriação dos textos. Até mesmo porque, “a leitura é uma atividade que tem sentido diferente em diferentes comunidades” (Lajolo, 2009, orelha do livro). Para cada pessoa a leitura pode ter um significado diferente, consequentemente, são diferentes formas de ver, reconhecer e se relacionar essa ação (Petit, 2009). Sendo assim, busca-se pensar em práticas de leitura de livros infantis a partir de uma lógica na qual Canclini nos oferece subsídios teórico, e que nos provoca a pensar que:

Ao invés de medir a leitura em horas ou número de livros e revistas, é importante entender como organizamos os diversos recursos de informação, como adquirimos e exercitamos as competências leitoras. [...] A questão inicial não é quanto se lê, mas como se exerce a “competência leitora”, que consiste em adquirir habilidades para localizar, selecionar ou interpretar informações. (Canclini, 2015, p. 08 - Tradução nossa.)

Nesse sentido, esta pesquisa qualitativa busca ir além da observação de quantos livros uma criança é capaz de ler, mas atentar-se aos significados atribuídos, aos sentidos presentes nas ações humanas e quais hábitos estão envolvidos nessa ação.

Eduardo Bolán (2015, p.119, tradução nossa) afirma que “a leitura é um recurso para nossas relações sociais, permitindo-nos construir a nós mesmos por meio dela”. Em sua pesquisa, o autor realiza o acompanhamento de prática de leitura de pessoas “de diferentes idades e condições para observar como o desenvolvimento da leitura é

também o das nossas próprias relações com as pessoas ao nosso redor e até mesmo com a sociedade em geral.” (Bolán, 2015, p.119, tradução nossa). É nesse contexto que o pesquisador pensa a distinção entre leitura como técnica e leitura como prática social, e como possuem implicações metodológicas importantes. Ele comenta que a primeira noção nos “leva a focar no ato de ler, na forma de aquisição dessa habilidade ou nas implicações cognitivas”, já a segunda está “nas relações que a leitura implica: trabalho, educação, família...” (Bolán, 2015, p.125, tradução nossa). Dessa forma, defende-se que esse estudo, busca uma perspectiva que se relaciona com a leitura como prática social, visto que na problemática que enseja nossa pesquisa, lança-se olhar sobre efeitos de estruturas sociais e processos sociais que são externos ao processo de ensino-aprendizagem. Dito de outra forma, entender a leitura como prática social, é justamente deslocar esse ato para a comunidade que está em relação com a escola.⁴

Nesse sentido,

Entender a leitura como uma relação social nos convida a observar os praticantes da leitura social prática, os contextos em que o fazem e aqueles que os acompanham ou os desafiam por meio do próprio ato de ler. Em seus ambientes de trabalho, estudo e lazer, percebemos as razões de suas escolhas, seu apreço pela leitura e o papel das instituições públicas e privadas no desenvolvimento e na prática da leitura. Além disso, suas histórias de vida nos mostram como os contextos familiares e sociais influenciam cada momento, as mudanças que ocorrem na leitura e sua relação com a construção da autonomia dos indivíduos como membros de uma família ou sociedade. (Bolán, 2015, p.124, tradução nossa)

Ademais, após a realização de uma pesquisa sistemática preliminar, entre obras brasileiras nos principais portais de busca como BDTD, Capes e Scielo, ajudou a perceber que o campo da comunicação pouco investiga as práticas de leitura de livros infantis, que por sua vez são mais observados sob as lentes da área da educação e das linguagem. A título de exemplo, os resultados encontrados a partir do descritor “*práticas de leitura*”, limitados a sua ocorrência no título e resumo, no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, resultou em um retorno de 378 trabalhos, sendo 139 da área de Educação, 90 da área dos Estudos Linguísticos, 78 da área das Letras e somente 7 da da área da Comunicação (sendo 1 deles do programa de “Tecnologias da Informação e Comunicação”). A partir disso, vê-se a necessidade de pesquisas na área da Comunicação que lancem olhar para as práticas de leitura.

⁴ Nosso olhar metodológico não será aquele comum aos estudos da pedagogia.

As reflexões realizadas até o momento demonstram o valor de refletir e pensar as práticas de leitura a partir das lentes da Comunicação. O desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa em questão trará dados relevantes para compreender de melhor forma as práticas de leitura de livros infantis por crianças atualmente, quais as ritualidades envolvidas nesse processo e consequentemente qual o papel da escola enquanto mediador. Baseando-se principalmente na reflexão das “práticas de leitura” e das “comunidades de leitores” a partir de Roger Chartier.

REFERÊNCIAS:

- BOLÁN, Eduardo Nivón. Diversos modos de leer. Familia, escuela, vida en la calle y recursos digitales *In*: CANCLINI, Néstor García *et al.* **Hacia una antropología de los lectores**. Fundación Telefónica, 2015. p.119-170.
- CANCLINI, Néstor García. Leer en papel y en pantallas: el giro antropológico. *In*: CANCLINI, Néstor García *et al.* **Hacia una antropología de los lectores**. Fundación Telefónica, 2015.
- CHARTIER, Roger; DEL PRIORI, Mary. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Ed. UnB, 1998a.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Unesp, 1998b.
- _____. As revoluções da leitura no ocidente. *In*: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras; ALB; FAPESP, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *In*: PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Editora 34. 2009.
- MONTEIRO, Júlio Altieri. **Ler no tempo: práticas de leitura em impressos e em e-readers**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 128 p. 2014.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. *In*: Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 10p. 2009.